

Mitologia

Maristela Oliveira de Andrade – DCS/PPGA/PRODEMA-UFPB

ANDRADE, José Maria Tavares de. *Mitologia: da Mata ao Sertão*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2013, (295 páginas)

Em meados de 2014, José Maria Tavares de Andrade, colega do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba, que escolheu Estrasburgo-França para viver após sua aposentadoria, esteve na Paraíba para lançar e divulgar seu mais recente livro *Mitologia: da Mata ao Sertão*, publicado pela Editora Universitária da UFPE, também publicado na França pela Editora Harmattan sob o título *Une Mythologie Brésilienne* (2013). Neste reencontro, as conversas giraram em torno da memória da sua trajetória intelectual, com passagens em instituições em Recife, Bélgica e Paris, algumas das quais coincidentemente fizeram parte da minha própria trajetória poucos anos mais tarde. Diante dessas afinidades de percurso e de interesse nasceu um compromisso de preparar uma resenha do livro, para explorar melhor seu percurso etnográfico e teórico nesta pesquisa sobre religiosidade popular e produção de histórias de vida de santos, assunto igualmente estimulante para mim. Desde jovem, vem pesquisando a cultura popular, especialmente atento para dimensão religiosa, tendo realizado uma coleta de benditos e “incelenças”, percorrendo o interior nordestino da zona da mata ao sertão. Esta pesquisa foi encomendada pelo Departamento de Cultura de Pernambuco da UFPE intitulada “Música Popular Religiosa” (DEC-UFPE, 1967-70) dirigido à época por Hermilo Borba Filho. Pesquisa que foi facilitada pelo engajamento do autor no Movimento de renovação litúrgica de Ponte dos Carvalhos - Cabo (PE), e nas pastorais na época da atuação de Dom Helder. Os resultados desta pesquisa foram várias horas de gravação de músicas religiosas do catolicismo popular, que teriam inspirado o nascente Movimento Armorial, de Ariano Suassuna e um grupo de pernambucanos. Por esta característica de pesquisa musical, ela nos remete imediatamente à viagem missão de Mário de Andrade décadas antes, ainda que a missão neste caso fosse limitada ao universo das músicas sacras, e paralelamente ela tenha ensejado a criação de outro acervo com os relatos das histórias de santo. Cabe ainda registrar que a escultura em madeira em formato de cruz produzida pelo próprio autor, cuja imagem se encontra na capa do livro, é desta época e pertencente ao acervo particular de Ariano Suassuna, que a teria classificado de estilo armorial.

Na Bélgica, após obter uma bolsa de estudo, tentou realizar seu doutorado em Paris, tendo buscado Lévi-Strauss para apresentar aquele repertório mitológico de relatos de vida de santos, que o recomendou a Roger Bastide, vindo a ser de fato seu orientador de tese. Porém, ele aconselhou a desenvolver este trabalho depois de completar sessenta anos, quando teria a maturidade suficiente para fazer aquele trabalho. O tempo de maturação foi cumprido à risca, daí a importância deste livro para o autor, pela dimensão do esforço de recomposição da memória desta pesquisa, cujos dados recolhidos ficaram guardados por décadas até serem resgatados. Embora com profundas raízes nordestinas, este autor construiu sua formação de antropólogo, sociólogo e linguista na Bélgica e França, se beneficiando de diálogos com Roger Bastide, Raymond Cantel e Edgar Morin, onde veio a ser Co-Directeur du Groupe de Recherche en Ethnomédecine; Pesquisador do Institut de Recherches Interdisciplinaires sur les Sciences et la Technologie - Université de Strasbourg (França).

O livro foi composto em quatro partes e dez capítulos, ao longo dos quais o autor desenvolveu diferentes metodologias para analisar de forma sistemática o acervo de histórias de santo. A primeira parte foi dedicada à caracterização do corpus da pesquisa, tendo construído uma classificação desse corpus; a segunda parte envolveu uma análise dos textos como literatura oral; a terceira parte sendo dedicada a análise semântica e semiótica e a última parte a análise se deteve no exame do material como sistema simbólico. O conjunto de narrativas mitológicas que formou o corpus foi estruturado em três grupos: os relatos de santos da zona da mata e do sertão, testemunhos e casos. Os testemunhos sendo os relatos em que os informantes (sic) afirmam ter visto ou presenciado o evento extraordinário, e os casos se limitam ao relato do fato extraordinário que teria ocorrido localmente. Para o autor, as narrativas sobre a vida dos santos são folclóricas, porém possuem um papel de explicação mitológica, permitindo ao devoto entender o sentido de suas práticas religiosas espontâneas, portanto não institucionalizadas. As narrativas foram qualificadas de folclóricas em razão de atenderem aos critérios do fenômeno folclórico, anonimato e criação coletiva, embora estejam submetidas a influências locais, não tendo conotações universais como outras criações populares. Daí porque começa a sua discussão teórica com um diálogo com autores clássicos do folclore, como Câmara Cascudo e Fernando de Azevedo, para se situar na perspectiva da sociologia do folclore de Florestan Fernandes, Roger Bastide e Maria Isaura Pereira de Queiroz, em que as manifestações folclóricas integram um sistema sociocultural. Mas por outro lado, sua inserção no campo da religiosidade popular, parece mais consistente, por envolver mitos e práticas devocionais sob a tensão entre o institucional e o popular, em que o sistema simbólico sofre influência da dominação colonial. O pressuposto desta dominação colonial percorre toda a construção teórica do livro, de modo que ele se coloca para além da teoria folclórica, tendo em vista que os autores arrolados por

ele não investiram nesse debate. Partindo das narrativas populares sobre a vida dos santos, especialmente os mártires, conseguiu apreender a raiz do sentido do sofrimento no catolicismo: “O sofrimento, no sistema católico, canoniza os estigmas dos mártires, os ferimentos, as tristezas e as doenças.” (2014 p.13) O sofrimento das camadas sociais mais pobres provinha do sistema de exploração colonial e neocolonial. O autor elabora sua análise em torno dos processos coloniais para compreender as substituições dos significantes por parte dos colonizados, influenciando igualmente os agentes coloniais, neste caso a instituição católica, levando a uma substituição geral de conteúdos culturais, formando uma nova cosmovisão.

Entre os santos arrolados no corpus, destacam-se São Benedito que se encontra nos relatos da mata e do sertão e os demais santos que foram distribuídos entre as duas regiões. Na Mata os santos tem um perfil local como São João dos Montes; São Severino dos Ramos; Santo Cristo de Ipojuca entre outros; Já no sertão, os santos de devoção estão mais próximos do modelo oficial como Santa Luzia e São Gonçalo, embora o santo local Padre Cícero, tenha causado problemas com a igreja oficial. Para análise do corpus, o autor construiu um arcabouço analítico interdisciplinar, incorporando as dimensões sociolinguística (Fishman), política e ideológica (Bourdieu) e da complexidade (Morin). E formulou uma matriz analítica de cunho estruturalista, tendo como critério chave a capacidade limitada de circulação das narrativas. Essa limitação estrutural seria proveniente do alcance local das explicações das narrativas. Os outros critérios analíticos, sendo a prioridade da forma em relação ao conteúdo, transformando certas fórmulas em textos mágicos; o envolvimento do emissor, uma vez que o texto é para ser usado em contexto ritual, e sua emissão fora dele requer a fé do emissor. Quanto à estrutura narrativa, o autor se fundamenta no modelo de análise da literatura oral (*langue général des récits*) (Bremont) para qualificar o personagem santo como herói, identificando três tipos distintos: o herói violento; o herói semi violento e o herói vítima. Nos relatos dos santos, a violência se manifesta na ação de heróis violentos ou conquistadores antes de se tornarem santos; nos relatos de heróis semi violentos, eles se vêem em circunstâncias em que são obrigados a lutarem; enquanto os heróis vítimas são o alvo de ações violentas. A finalidade dos relatos é segundo o autor, canonizar o santo, e desta maneira a estrutura narrativa possui três momentos: vida terrestre (descrição do modo de vida) morte misteriosa (precoce e inesperada) e santa metamorfose (substituição do personagem por sua estátua). Os santos narrados foram classificados nesta estrutura em que São Severino do Ramo, representa um herói violento, soldado combatente; enquanto São Gonçalo e Padre Cícero se enquadram no herói semi violento e Santa Luzia o modelo de heroína vítima. O autor finaliza esta análise chamando atenção para “o ethos contra a violência – praticada sobre os outros – que se revela condenada pela religiosidade popular. (2013 p.126)”

A análise semântica e semiótica do corpus teve o intuito de apreender estruturas mais profundas das narrativas mitológicas e captar as mediações visando o deciframento e decodificação na produção de sentido. Para a análise semiótica baseou-se na etnolinguística de Victor Renier. Ele propõe uma explicação para compreender o sentido das narrativas distinguindo as realidades dos dois espaços pesquisados, mata e sertão. Neste último, a religiosidade popular reflete a situação vivida em que as massas sofreram o confronto com o catolicismo oficial, no episódio de condenação do Padre Cícero, e desta forma construíram uma reação de rejeição a certos agentes da igreja oficial. Já na Mata, as populações não tiveram assistência religiosa oficial das paróquias, de modo que a prática religiosa e relatos da vida de santos resultaram de uma apropriação e reinterpretação livre e espontânea.

A última dimensão pesquisada nas narrativas foi o sistema simbólico, tendo observado que na Mata para cinco santos pesquisados há um centro de peregrinação. Uma análise simbólica das narrativas desses santos foi empreendida com atenção especial para Santo Antonio dos Montes, um trabalhador do primeiro engenho de cana de Pernambuco que tinha poderes especiais de levitação e de transmutação, sendo encontrado depois de morte em estado de corpo santo, ou seja, preservado e com odor agradável. Sendo levado a Roma retornou com estátua que se encontra na igreja onde se realiza a romaria. Nesta narrativa, há vários elementos simbólicos imbricados e enraizados nas crenças populares, porém é a prática de peregrinação que mais encarna o modelo de religiosidade independente em relação a igreja oficial, que caracteriza o sistema simbólico da Mata. No sertão, o autor destaca uma característica da religiosidade popular que é a organização de comunidades, a mais conhecida sendo a dos penitentes devotos de São Francisco, e dois centros de romaria principais: Santa Brígida em torno de chefe messiânico Pedro Batista; Juazeiro dedicado ao Padre Cícero. Sendo evocada duas narrativas mais relevantes na região “Padre Cícero em Roma” e a “História de Noé e o Dilúvio”.

Quanto à tese da permanência do mito, que o autor propõe no início e conclui com ela, pareceu pertinente inserir um comentário diante sobre as mudanças no campo religioso nordestino, em que a hegemonia católica perde espaço para o avanço das igrejas evangélicas e pentecostais. Com tais mudanças cabe questionar, se as camadas mais pobres ainda se alimentam da mesma cosmovisão acerca do sofrimento, já que essas religiões não operam com a lógica do martírio dos santos, e da purificação pelo sofrimento, de modo que o conformismo perante a relação de dominação colonial parece enfraquecer e perder sentido. Para finalizar o autor propõe que a religiosidade popular elabora uma cosmovisão mitológica que continua viva e que este trabalho é dedicado a futuras gerações e novos pesquisadores.